

ESCREVIVÊNCIA E INTERSECCIONALIDADE NOS CONTOS OLHOS D'ÁGUA E BEIJO NA FACE DE CONCEIÇÃO EVARISTO

WRITING AND INTERSECTIONALITY IN THE SHORT STORIES OLHOS D'ÁGUA AND KISS IN THE FACE OF CONCEIÇÃO EVARISTO

André Silva Souza¹

Paula Luiza Cangussu Silva²

Claudia Rocha da Silva³

Resumo: Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), no ano de 2022, indicam que em média 04 mulheres são vítimas de feminicídio diariamente. As mulheres trabalhadoras domésticas somam um total de 5,2 milhões, sendo 65% negras. Considerando esses dados, este trabalho visa analisar a continuidade alarmante das formas de opressão contra essas mulheres, a partir de uma pesquisa qualitativa, sob a ótica da literatura e dos conceitos da escrevivência e da interseccionalidade, nos contos Olhos d'água e Beijo na face, de Conceição Evaristo, ressaltando as questões de raça, gênero e classe. As discussões teóricas estão amparadas em Angela Davis (2016), Conceição Evaristo (2016), Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021). A partir da análise dos contos é possível afirmar a existência de uma perpetuação das desigualdades e violências de classe, gênero e raça, de forma interseccional, bem como perceber o quanto a escrevivência na literatura tem sido uma forma de denúncia e resistência do cotidiano das mulheres negras.

Palavras-chave: mulheres negras; violência; escrevivência; interseccionalidade; resistência.

1 Graduando do curso de Direito - DCHT - Campus XX/UNEB

2 Graduada do curso de Letras - DCHT - Campus XX/UNEB

3 Doutora em Letras (USP) - Professora Assistente do curso de Letras - DCHT - Campus XX/Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Abstract: Data from the Brazilian Public Security Forum (FBSP), in the year 2022, indicate that on average 04 women are victims of femicide daily. Female domestic workers number a total of 5.2 million, 65% of whom are black. Considering these data, this work aims to analyze the alarming continuity of forms of oppression against these women, based on qualitative research, from the perspective of literature and the concepts of writing and intersectionality, in the short stories *Olhos d'água* and *Beijo na face*, by Conceição Evaristo, highlighting issues of race, gender and class. Theoretical discussions are supported by Angela Davis (2016), Conceição Evaristo (2016), Patricia Hill Collins and Sirma Bilge (2021). From the analysis of the stories, it is possible to affirm the existence of a perpetuation of class, gender and racial inequalities and violence, in an intersectional way, as well as realizing how much writing in literature has been a form of denunciation and resistance in women's daily lives. black.

Keywords: black women; violence; writing; intersectionality; resistance.

Dados alarmantes apontam para um ciclo de violência e de opressão contra as mulheres negras, seja no ambiente doméstico, seja no ambiente de trabalho, e isso se dá de forma interseccional. A interseccionalidade, conforme Collins e Bilge (2021) “investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como nas experiências individuais na vida cotidiana.” (COLLINS; BILGE 2021, p. 15). Para as autoras, a análise por esse ponto de vista, leva em consideração as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, etnia e faixa etária, dentre outras, a partir da interrelação entre tais categorias, sendo a interseccionalidade. “uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.” (COLLINS; BILGE 2021, p.16), pois, “as relações de poder envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não sendo entidades distintas e mutuamente excludentes.” (COLLINS; BILGE 2021, p.16).

Entendemos, assim, que a inserção da mulher negra, de modo especial, no mercado de trabalho foi uma realidade árdua desde o período escravista e se propagou no sistema capitalista. Conforme apregoa Davis (2016), “as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão.” (DAVIS, 2016, p. 17). O trabalho durante a escravidão era compulsório e, por conta disso, essas mulheres não tinham a possibilidade de viver com dignidade outros aspectos de suas vidas. Sem falar que a produção exigida delas, assemelhava-se ao que se exigia de um escravizado do sexo masculino, com o agravante de serem abusadas sexualmente e vítimas de outras formas de violência cruéis. É certo que houve resistência por parte de muitas mulheres, desde fugas, suicídio, até diversas outras formas de se opor ao sistema opressor.

A partir dessa perspectiva, este trabalho tem o propósito de analisar dois contos de Conceição Evaristo. Olhos d’água e Beijo na face, no intuito de discutir as relações de opressão vividas por mulheres negras, retratadas pela literatura. A metodologia utilizada para a pesquisa foi de cunho qualitativa, baseada na análise do conteúdo dos contos já mencionados, referenciada teoricamente pelos estudos de Angela Davis, Conceição Evaristo, Patricia Hill Collins e Sirma Bilge.

O conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo gira em torno do questionamento: “de que cor eram os olhos de minha mãe?” A narradora-personagem é uma mulher em idade adulta que tenta lembrar a cor dos olhos da sua própria mãe, mas não consegue, porque os olhos da mãe estavam sempre cheio de lágrimas. Ela se sente culpada e aborrecida com a situação, porém, por estar distante de casa não conseguia encontrar as respostas naquele momento: “Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família [...]”. (EVARISTO, 2016, p. 12). A personagem, assim como a grande maioria das pessoas negras, almejava melhores condições de vida. Diante disso, essas pessoas deixam a família e partem, para as grandes cidades, na esperança de conseguir melhores empregos e salários. Angela Davis (2016) comenta sobre: “A desesperadora situação econômica das mulheres negras – elas realizam o pior de todos os trabalhos e são ignoradas [...]”. (DAVIS, 2016, p. 112). Dessa forma, as mulheres negras não

conseguem uma melhoria de vida satisfatória, por variados fatores. o que possibilita perceber a interseccionalidade da opressão.

Ao não se recordar da cor dos olhos da mãe, a personagem, tomada pelo desespero, decide largar tudo e retornar para sua cidade. Enquanto isso, narra ao leitor a vida difícil da família, a miséria, a fome e o trabalho exaustivo da mãe. Durante a narrativa, comenta: “Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância.” (EVARISTO, 2016, p.11).

A situação de miséria vivida por essa família é um ciclo que se reproduz, pois a história de dificuldades se repete. Observamos que há nesse cenário um problema estrutural e histórico, como vimos, pois as mulheres dessa família lutam diariamente pela sobrevivência e sofrem a falta de alimentos: “As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago [...]”. (EVARISTO, 2016, p. 12-13). A partir do comentário exposto, é evidenciado que havia dias em que a família não tinha nada para saciar a fome e ela reforça que os olhos da sua mãe estavam sempre regados de lágrimas, até mesmo nos momentos em que ela sorria, com isso, a protagonista compreende: “A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água.” (EVARISTO, 2016, p.13). Nesse momento da narrativa, é feita uma conexão com a Orixá Oxum: a referência aos rios calmos que são ao mesmo tempo profundos e enganosos para aqueles que contemplam apenas a superfície, assim como era também a sua mãe.

O conto termina com a filha da narradora querendo saber a cor dos olhos da sua mãe que sempre estão cheio de lágrimas. Podemos observar que o ciclo da pobreza, de sofrimento e de abandono se reproduz nesse cenário, o que pode ser constatado a partir dos relatos da narradora, que ao ouvir a história da infância da mãe, lembra-se de sua própria infância. Em concordância, a filha da protagonista também não consegue ver a cor dos olhos de sua mãe, porque eles estão sendo sempre úmidos de lágrimas.

No conto Beijo na face, a história aludida é sobre Salinda, no contexto de um casamento conturbado que descobre um novo amor totalmente divergente ao que já possuía antes. Ao longo da narração é possível captar alguns temas, sensíveis a alguns leitores, os quais problematizam a vida

de Salinda, sendo dois deles explicitamente abordados: i) relacionamento abusivo e; ii) a mudança de arranjo conjugal heteronormativo para uma relação lésbica.

Ao primeiro ponto percebe-se que o cônjuge de Salinda violentava-a em um âmbito psicológico, onde esse a vigiava constantemente e ameaçou apartá-la de seus filhos: “estava a vigiá-la, mas ao invés de agir em silêncio, vinha de própria voz alertá-la. Era como se ele buscasse retardar um encontro com a verdade” (EVARISTO, 2016, pág 33) e “aos poucos as ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a. Salinda, por isso, vinha há anos adiando um rompimento definitivo com ele.” (EVARISTO, 2016, pág 33). Tais trechos denunciam uma evidente relação tóxica ao ponto de a mulher continuar no enlace matrimonial, condicionada ao amor pelos filhos e ao sentimento de medo do marido.

À medida que Evaristo aborda este ponto da narrativa, ela traduz e transcreve a realidade de uma significativa, por não falar maioria, parte de mulheres espalhadas por todo o país. A vulnerabilidade e a hipossuficiência são somente uns dos mais diversos indicadores que ocasionam mulheres a continuar em um relacionamento fadado ao fracasso apenas por medo e angústia do que lhes pode acontecer, caso ocorra o fim da relação.

Em consonância com a literatura de Evaristo, trabalhada nesse conto no contexto de violência contra a mulher, os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), no ano de 2022, indicam que em média 04 mulheres são vítimas de feminicídio diariamente. Sem falar dos casos de lesbocídio. As evidências revelam que mesmo após a promulgação da lei 11.340/06, a importantíssima Lei Maria da Penha, os casos de violência contra as mulheres não sofreram uma diminuição, sinalizando assim que somente um dispositivo legal não é suficiente para combater estas violências.

A contraponto, a tristeza e frustração vividas pelo atual relacionamento de Salinda são substituídas por um calmo e novo amor. A descoberta da nova forma de relacionar-se consigo mesma e, posteriormente, com outra mulher, proporciona a Salinda experimentações que não foram apreciadas anteriormente. Como pontua a autora, Salinda partiu em uma “viagem” de redescoberta de si mesma: “havia quase um ano que a felicidade lhe era servida em conta- gotas. Pequenas gotículas que guarda-

vam a força e a aparência de reservatórios infindos, de represas de felicidade inteira.” (EVARISTO, 2014, pág 32). Além disso, é de muita sensibilidade a forma com que o conto retrata o sentimento entre duas mulheres pretas, que vivenciam o mais fluido e sincero amor:

Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava.” (EVARISTO, 2016, p.35)

As narrativas de Conceição Evaristo perpassam pelas adversidades vividas por mulheres pretas. Estas personagens são construídas a partir de um conceito nomeado por Evaristo como *Escrevivência*, que seria a junção das palavras escrever+vivência. Para mais do que a origem etimológica da palavra, Conceição Evaristo implicitamente faz-nos compreender tal significado no momento que imbui suas personagens a este termo, na qual aponta uma dupla dimensão que é dada na premissa de que é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo da maneira que o enfrenta. Acrescente-se, ainda, que a opressão vivida por estas mulheres é interseccional, pois são mulheres negras, pobres e/ou lésbicas.

É possível afirmar, após a análise dos contos, a existência de uma perpetuação das desigualdades e violências de classe, gênero e raça, de forma interseccional, bem como perceber o quanto a *escrevivência* na literatura tem sido uma forma de denúncia e resistência do cotidiano das mulheres negras. De um lado temos uma mulher negra, pobre, mãe solo, cujo ciclo de pobreza se repete, já que a sua existência, assim como a da sua mãe, perpetuam uma opressão de raça, gênero e classe. E de outro temos uma mulher oprimida por um marido violento, obsessivo, que encontra o amor numa relação lésbica. Contudo, ambas as personagens passam por um processo de auto-conhecimento, numa relação de ancestralidade e continuidade, permeada pelo amor. Ambas resistem às opressões vividas, indo em busca daquilo que as tornará completas.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'Água. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

Meninas e mulheres no 1o semestre de 2022. [s.l: s.n.]. Disponível em: [https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contra-meninas- mulheres-2022-1sem.pdf?v=v2](https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf?v=v2). Acesso em: 26 de julho de 2023